

**“ENCONTROS E DESENCONTROS NO ENSINO E APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA”:
um estudo nas turmas de 7º ano da Escola Estadual Professor Aderson de Menezes,
Parintins-AM.**

““MEETINGS AND DISAGREEMENTS IN GEOGRAPHIC TEACHING AND LEARNING”: a
study in the 7th grade classes of the Professor Aderson de Menezes State School, Parintins-
AM.

Gleize Batista Batista¹, João Bosco dos Santos Brasil²

RESUMO

O presente trabalho traz uma investigação recente quanto ao ensino da disciplina Geografia na Escola Estadual Professor Aderson de Menezes, situada na cidade de Parintins-AM. Esta pesquisa traz reflexões de circunstâncias observadas e anotadas em sala de aula durante a pesquisa de campo realizado na escola em questão. De acordo com estas perspectivas, notamos o que é importante rever a forma de ensino-aprendizagem em sala de aula, no que tange a orientação oferecida aos alunos do Ensino Fundamental. Sendo assim, esta pesquisa objetivou trazer essa problemática, descrevendo-a a partir de vivências, porém, apontando possíveis soluções, as quais devem ser observadas e discutidas tanto na Academia quanto no âmbito escolar, em concordância com a direção e o corpo docente. A pesquisa objetivou analisar como se desenvolvem as relações didáticas e metodológicas no processo ensino e aprendizagem geográfica no 7º ano da escola Aderson de Menezes, para alcançá-lo foi necessário refletir sobre o histórico processo de formação do professor de Geografia; conhecer a realidade do processo ensino e a aprendizagem geográfica vivenciada pelo professor no espaço de sala de aula; observar se as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor despertam a atenção e interesse do aluno em sala de aula. Para a concretização deste trabalho, utilizamos o método *in loco* para averiguações e anotações pertinentes ao trabalho. Além desta, o instrumento de pesquisa utilizado foram, a gravação em áudio, por meio de entrevistas, aplicação de questionário, visto a diferença na metodologia de ensino, e dos alunos desta escola estadual. Por meio desta, reiteramos que esta pesquisa ultrapasse os muros da Universidade, fazendo com que a comunidade acadêmica e não-acadêmica tenha acesso livre a este trabalho, demonstrando interesse em discutir e transformar o ensino da disciplina Geografia, inserindo os alunos em práticas e vivências em campo, tornando-o em cidadãos formadores de opinião e dialogando em sociedade.

Palavras-chave: Geografia; Ensino-aprendizagem; Prática; Professor Aderson de Menezes; Parintins.

ABSTRACT

The present work brings a recent investigation regarding the teaching of Geography in the State School Teacher Aderson de Menezes, located in the city of Parintins-AM. This research brings reflections of circumstances observed and noted in the classroom during the field research conducted at the school in question. According to these perspectives, we noticed how important it is to review the way teaching-learning is done in the classroom, regarding the orientation offered to the students in the Elementary School. Thus, this

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA

2 Professor Mestre do Curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

research aimed to bring this problematic, describing it from experiences, but pointing out possible solutions, which should be observed and discussed both in the Academy and in the school, in agreement with the direction and the teaching staff. The research aimed to analyze how the didactic and methodological relationships are developed in the geographic teaching and learning process in the 7th grade of the Aderson de Menezes school. To achieve this, it was necessary to reflect on the historical process of the Geography teacher's training; to know the reality of the geographic teaching and learning process experienced by the teacher in the classroom; and to observe if the pedagogical practices developed by the teacher arouse the student's attention and interest in the classroom. To accomplish this work, we used the on-site method for verifications and notes pertinent to the work. In addition to this, the research instruments used were audio recordings, interviews, and the application of a questionnaire, given the difference in teaching methodology, and the students of this state school. Through this, we reiterate that this research goes beyond the walls of the University, making the academic and non-academic community have free access to this work, demonstrating interest in discussing and transforming the teaching of Geography, inserting students in practices and experiences in the field, making them into opinion-forming citizens and dialoguing in society.

Keywords: Geography; Teaching-learning; Practice; Teacher Aderson de Menezes; Parintins.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de geografia possibilita ao aluno compreender as relações socioespaciais, e como suas atitudes podem interferir no meio em que vive, sendo que a Geografia é um instrumento de poder, afinal, não se trata apenas de definir ou descrever o meio em que se vive, mas ir além das aparências e enxergar as mudanças suscitadas pelas relações humanas ao longo do tempo. É buscar ou construir as respostas necessárias que possam ajudar a compreender as motivações que justificam as transformações no espaço geográfico.

Justificamos que a temática da pesquisa em questão “Encontros e Desencontros no Ensino e Aprendizagem Geográfica”: um estudo nas turmas de 7º ano da Escola Estadual Professor Aderson de Menezes, Parintins-AM, a pesquisa foi motivada principalmente pelos momentos vivenciados nas aulas de Geografia durante o desenvolvimento das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid/UEA. A partir do primeiro contato com a sala de aula, surgiu o interesse de buscar compreender o processo do ensino e aprendizagem no ambiente escolar. O programa, observamos e vivenciamos encontros significativos de aprendizagem, como também, desencontros representados pelo desinteresse de alguns alunos durante o desenvolvimento das oficinas. Essas problemáticas nos motivaram a buscar respostas para as nossas inquietações através dessa pesquisa.

Diante ao exposto, a pesquisa objetivou analisar como se desenvolvem as relações didáticas e metodológicas no processo ensino e aprendizagem geográfica no 7º ano da escola Aderson de Menezes, para alcançá-lo foi necessário refletir sobre o histórico

processo de formação do professor de Geografia; conhecer a realidade do processo ensino e a aprendizagem geográfica vivenciada pelo professor no espaço de sala de aula; observar se as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor despertam a atenção e interesse do aluno em sala de aula.

A pesquisa em questão é de caráter qualitativo e as técnicas utilizadas neste trabalho foram as observações em sala de aula, para percebermos com mais detalhes como são produzidas as relações de ensino e aprendizagem geográfica. Para a coleta de informações junto aos atores sociais envolvidos, empregamos o formulário para a professora B, e entrevista para a professora A. As informações dos alunos foram também obtidas através das entrevistas. Nessa perspectiva, coletamos as informações e passamos a refletir sobre a problemática com as contribuições de Albuquerque (2011); Castellar (2011; 2015); Costella (2011); e Santos (2011); Pontuschka; Paganelli & Cacete (2009) e Pontuschka & Oliveira (2010); Andrade (1987); Cavalcanti (2014); Kaercher (1999); Marechal (1990); Oliveira (1998); e Souza, Batista & Silva (2019).

Este trabalho está assim dividido: o capítulo 1, no qual se encontra a Fundamentação Teórica desta pesquisa. O processo de formação do professor de Geografia procurou refletir sobre a realidade do processo de formação dos professores de Geografia, e como repassar esses conteúdos em sala de aula, uma vez que, no processo de formação do docente, pode constituir-se um apanhado em saberes escolares somente a partir de conhecimentos básicos, como noções dos espaços geográficos vivenciados pelos alunos e as mudanças na forma de aprender e ensinar Geografia, visto a importância e responsabilidade que estes profissionais detêm na formação de cidadãos capazes de dialogar e discutir sobre o seu espaço de vivência.

No capítulo 2, reflexões sobre o ensino e a aprendizagem geográfica: da teoria à prática, algumas reflexões quanto ao ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia e o que a mesma oferece tanto em teoria quanto em prática, afinal, uma não vive sem a outra, pois se complementam. Na teoria, é oferecido o conteúdo; no campo, você aplica o que a teoria ofereceu, ou seja, a prática. Indo além, neste tópico, ainda há algumas discussões em torno de novas metodologias que devem ser levadas em consideração o envolvimento dos alunos nas aulas. No ponto “O Ensino de Geografia no espaço escolar: ontem e hoje”, apresenta-se o percurso histórico desta disciplina, que, com o passar do tempo, se renovou

e se tornou importante no âmbito escolar. Contudo, ainda é necessário que haja mudanças para que a Geografia seja ensinada com êxito.

No capítulo 3, professoras e alunos: uma vida de encontros e desencontros na sala de aula, há as respostas que buscou-se, neste capítulo, cumprindo com o objetivo proposto. É neste tópico que se encontram as informações pertinentes a problemática apontada para esta pesquisa. Entretanto, apresenta-se o problema, mas também a solução para esta.

Os resultados da pesquisa destacam que as práticas metodológicas desenvolvidas em sala de aula envolvendo os alunos, apresentou a existência do diálogo entre professor e aluno, sendo que esses procedimentos de ensino vão despertar o interesse do aluno pelo conteúdo estudado, ferramentas essenciais para a contextualização dos conceitos teóricos a partir da realidade vivenciada. Observamos que as atividades didáticas são importantes para desenvolver os conceitos geográficos. O ensino e a aprendizagem geográfica são momentos diferentes e complementares que se encontram ou não no espaço da sala de aula.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

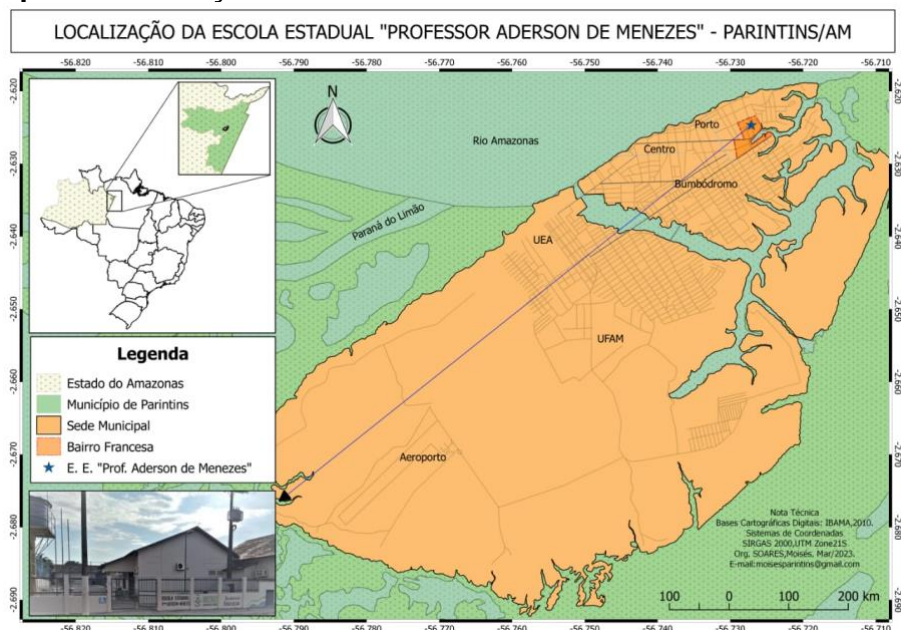
Para a elaboração deste artigo, intitulado “Encontros e Desencontros no Ensino e Aprendizagem Geográfica”: um estudo nas turmas de 7º ano da escola estadual Professor Aderson de Menezes, na cidade de Parintins-AM.

A pesquisa é de caráter qualitativa, que para Marconi e Lakatos (2010) “explicam que a abordagem qualitativa se trata de uma pesquisa que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento”. Como técnicas adotamos a observação que de acordo com Severino (2007, p.125), “É todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa”. E para obtermos as informações junto às professoras, empregamos a entrevista para a professora A. A entrevista “é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária (MARCONI; LAKATOS, 2001, p.107)”. Para a professora B, aplicamos o questionário, que para Marconi; Lakatos (2001, p.107), “constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”. Justificamos que o emprego de técnicas diferentes para as professoras, se deu em detrimento de solicitação da professora B, pois, a mesma estava

vivenciando momentos difíceis de saúde na família. Aos alunos também adotamos a entrevista para ouvir suas dificuldades e satisfações no processo ensino e aprendizagem geográfica. Neste particular, ouvir os alunos foi um momento ímpar para compreendermos um pouco sobre a eficácia ou não do trabalho realizado pelas professoras em sala de aula.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola (2022), “A Escola Estadual “Professor Aderson de Menezes” localiza-se à Rua João Meireles, 445, bairro da Francesa, no município de Parintins, Estado do Amazonas, foi criada no mês de março de 1970, de acordo com o Decreto nº 6998 de 07/02/1983 [...]”, local da pesquisa.

Imagem 1 – Mapa de localização da Escola Estadual Professor Aderson de Menezes



Fonte: Moisés Soares (2023)

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PARA FALAR UM POUCO DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

A partir deste tópico, dar-se-á o embasamento teórico desta jornada, a pesquisa de campo referente ao tema e assuntos aqui abordados. Diante de tantas e ótimas obras, aqui, referenciaremos autores e citações que são de grande valia tanto para a pesquisa em si

quanto para a área da Geografia, a qual vem sendo modificada e entendida de diferentes formas ao longo do tempo e das transformações sentidas por esta.

As literaturas consultadas que discorrem sobre o ensino da geografia contribuíram para as reflexões e o desenvolvimento da temática em questão, destacando as resistências, dificuldades e avanços que se reproduzem no espaço escolar. Assim, tendo que haver readequações quanto ao material didático estipulado e apresentado, e a forma de como o conteúdo chega ao aluno por meio do ensino e aprendizagem.

3.1 O processo de formação do professor de Geografia

A formação de professores de Geografia vem sendo uma preocupação constante, o professor precisa deter as noções básicas do conhecimento geográfico, mas também necessita especialmente, desenvolver habilidades e técnicas de como ensinar. O ato de ensinar exige habilidade e competência para que a aprendizagem aconteça. Sem essas características, que são construídas no processo de formação, o professor encontrará dificuldades em alcançar seus objetivos em sala de aula, qual seja, a aprendizagem de seus alunos.

Nessa perspectiva, destacamos os programas que as universidades desenvolvem nos cursos de licenciatura como o Residência Pedagógica, o PIBID os quais estão contribuindo significativamente no processo de formação do professor de geografia.

Um dos objetivos deste trabalho é refletir sobre a realidade do processo de formação dos professores de Geografia, e como repassar esses conteúdos em sala de aula, uma vez que, no processo de formação do docente, pode constituir-se um apanhado em saberes escolares somente a partir de conhecimentos básicos, como noções dos espaços geográficos vivenciados pelos alunos e professores. Além disso, mediante esta vivência com o espaço geográfico (seja a própria casa, rua ou escola), amplia-se técnicas, métodos para o repasse de todos esses conhecimentos.

Na formação de professores e alunos, é essencial o domínio da leitura do espaço por meio de observação espontânea e dirigida, das entrevistas, da produção de registros e da pesquisa em variadas fontes, nas realidades locais concretas do bairro ou de cidades. Tais procedimentos constituem pontos de partida e chegada, nos quais se constroem os parâmetros reais para a compreensão de espaços locais e de regiões bem mais distantes (PONTUSCHKA; PAGANELI; CACETE, 2009, p. 39).

É importante salientar que a Geografia se faz presente no cotidiano, o reconhecimento dos espaços pelos quais vivenciam tanto os professores quanto os alunos. A técnica de mapear ou o simples fato de conhecer lugares, como por exemplo, uma casa, uma escola e saber onde fica o banheiro, a sala, a cozinha, se torna mais fácil graças ao conhecimento geográfico do local.

Apesar da importância dessa questão, persistir ainda a ideia de que o professor da escola básica não necessita pesquisar ou incentivar a pesquisa, é um grande equívoco. Tal posicionamento reforça a concepção do professor como mero transmissor ou reproduzidor de informação, sendo ele apenas um usuário do produto do conhecimento científico.

Buscando na história, podemos dizer que o desenvolvimento da Geografia em particular acelerou-se nos séculos XIII e XIX, em consequência do capitalismo (ANDRADE, 1987). Com o desenvolvimento do modelo econômico em questão, provocou uma grande expansão das navegações e, em consequência o descobrimento de novas terras e novos espaços. Reconhecemos que o conhecimento empírico produzido pelo homem deu início aos estudos mais específicos contribuindo para o desenvolvimento da ciência geográfica.

Assim, ao imaginar a docência como atividade prática e intelectual, é necessário que o professor tenha cada vez mais interesse e disposição com o processo da pesquisa e com os conteúdos geográficos, são construções teóricas fundamentadas em pesquisas científicas. Além de dominar conteúdos, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando sentido e significado à aprendizagem.

A decisão do conteúdo a ser trabalhado é do professor e esta decisão deve estar apoiada em uma análise do conhecimento já elaborado que se deseja ensinar. Os conteúdos escolares devem ser trabalhados articulados com o desenvolvimento das habilidades operatórias e dos conceitos, na perspectiva de fazer com que o aluno passe de um estado de menor conhecimento para um estado de maior conhecimento (CASTELLAR, 2015, p.53)

À medida que os conteúdos deixam de ser fins em si mesmos e passam a ser meios, possibilitam aos alunos os instrumentos necessários para que os mesmos possam construir uma visão ampla e crítica sobre a realidade que vivenciam. Assim, o professor em sua prática pedagógica nos espaços escolares poderá alcançar com mais dinamismo seus objetivos, qual seja, aprendizagem.

O trabalho pedagógico na disciplina de Geografia precisa permitir ao aluno verificar problemas, mas também apontar soluções no meio em que vive ou que o circunda. A

Geografia precisa dar essa formação ao aluno. Em síntese, esse estudo é muito mais do que compreender os espaços geográficos que se vive, é permitir que o professor assume o papel de pesquisador e, junto ao aluno, possam ampliar a visão de mundo, que possa ajudar a conhecer e reconhecer seu papel na sociedade. É um processo que deve ser encarado como imprescindível na formação destes cidadãos, afinal, este saber transforma pessoas e o meio em que vive.

O saber que se torna objeto de ensino na escola não é o saber universitário simplificado, é um saber transformado, recomposto, segundo um processo que trata de dominar ao máximo, evitando simplificações que deformam os conhecimentos ou que provocam desvios (MARECHAL, 1990, p. 47).

É necessário falar sobre a formação do professor de Geografia para uma escola e sociedade que consolide uma resposta imediata para as problemáticas apresentadas. Entretanto, o professor precisa estar se preparando por meio de projetos e reflexões sobre projetar as concepções viáveis dos momentos vividos e que sejam factíveis da sociedade atual. Contudo, aqui, vale salientar que

[...] os conteúdos, os métodos e as práticas mudam ou permanecem conforme uma série de fatores (objetivos específicos, escolha de métodos e conteúdos, relações sociedade-escola, etc.) e sujeitos sociais envolvidos no processo de construção e reconstrução da disciplina escolar (pais, alunos, professores, diretores, entre outros) (ALBUQUERQUE, 2011, p. 19).

Os professores precisarão estar sempre atentos a questões do mundo contemporâneo, como a distribuição mais justa da renda, a conservação da natureza, a valorização do trabalho humano, as relações comerciais desiguais. Pois, as problemáticas em questão, interferem a vida da escola com reflexos diretos no cotidiano de seus alunos. Para tanto, os professores de Geografia necessitam desenvolver o espírito científico e solidário, buscando construir-se a partir de uma pedagógica mais humana.

[...] para marcar positivamente os alunos, para ser lembrada como alguém que foi presença decisiva em sua formação, é imprescindível ter algumas características, dentre estas a paixão pelo ser humano, a crença de que ensinar é “mover”, construir e desconstruir por meio de ações pedagógicas realmente efetivas (COSTELLA & REGO, 2011, p. 105).

Com base nas observações desenvolvidas durante o Pibid e na realização da pesquisa, identificarmos e reconhecermos a importância do trabalho que estes profissionais da educação desenvolvem no espaço de sala de aula. Buscando criar técnicas de ensino

capazes de despertar o interesse do aluno, diversificando os meios e a didática das aulas, sem necessariamente, esquecer de provocar a contextualização do conteúdo com a realidade vivenciada pelo aluno e pelo professor.

O professor necessita, ainda, lembrar-se de que esta modificação é paradoxalmente uma tarefa solitária e solidária ao mesmo tempo: solitária no sentido de que só é realizada pelo próprio aluno, na sua subjetividade; solidária porque o conhecimento resulta da vida em sociedade; a construção ou reconstrução do conhecimento pelo aluno depende da presença e colaboração de outros, sozinho o aluno não pode realizá-la. Precisa ser ajudado e esta ajuda implica que o professor, o outro mais próximo e melhor preparado, assuma o ensino como uma prática de mediação – debatendo, trocando idéias, questionando hipóteses, propondo e analisando o novo e estimulando sínteses originais sobre o já sabido – assumindo assim a condição de professor-investigador (GRILLO, 2001, p. 74-75).

Contudo, precisamos discutir muito mais sobre a didática desenvolvida nos espaços de sala de aula pelo professor. É necessário adotar medidas que despertem nossas crianças e adolescentes ao aprendizado e o quanto a educação e o ensino podem transformar a vida desses cidadãos, dando retorno positivo a si e à sociedade. A escola e o ensino oferecido por esta tendem a esta ação. Mas não esqueçamos que a família é parte importante neste processo.

A geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia (PONTUSCHKA; PAGANELI; CACETE, 2009, p. 38).

Quanto ao que se refere a didática, mudanças são mais que necessárias visto às novas formas de ensino prático e tecnologia que podem ser levadas em consideração no que tange prender a atenção dos alunos em sala de aula. Mais ainda dinamizar as aulas fazendo com que o aluno participe de gincanas ou jogos diversos, que deixem o aluno à vontade diante destas brincadeiras. De fato, nunca é tarde para colocar estas iniciativas em prática dentro do ambiente escolar.

Hoje em dia, há muitas formas de as crianças e os adolescentes entrarem no ócio visto à facilidade com que estas ações vêm aparecendo. Neste caso, é necessário o empenho máximo dos pais ou responsáveis por estes cidadãos, ou seja, um acompanhamento diário dos adultos com as crianças e adolescentes – indagá-los, questioná-los, incentivá-los.

O ensino da Geografia em sala de aula é importante quanto as demais disciplinas oferecidas na grade curricular da escola. Criar formas de ensinar é importante quanto à própria matéria, é a partir dessas concepções que a criança e adolescente conhece o seu e os demais ambientes que o cercam, é imprescindível conhecer o próprio espaço, mas também é de suma que este conheça o espaço próximo a si e até o que desconhecido. Oferecer ensino vai além do ensinar. É também fazê-lo praticar em sala de aula, no próprio ambiente e na sociedade.

Sendo assim, a Geografia tende a oferecer informações de grande valia para a formação deste enquanto cidadão em meio à sociedade, contribuindo, por meio de diálogos, debates e discussões, com o conhecimento básico absorvido em sala de aula e levando para o ambiente em que se vive. Porém, é uma cadeia de ensino, que vem desde a formação dos professores, o qual, a partir de estudos e comprometimento com o ensino, repassa seus conhecimentos para uma turma de estudantes.

4 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM GEOGRAFICA: da teoria à prática

O ensino de Geografia é complexo e deve ser estudado de todas as formas. A teoria é compreendida a partir da interação e contextualização do aluno em relação ao conteúdo estudado. Através das práticas educativas o ensino de Geografia se torna compressível, o aluno compreende a teoria na prática com a realidade vivenciada em questão. Ressaltamos que o livro didático não é o início, meio ou fim no processo de aprendizagem dos alunos, mas sim um instrumento como parte do processo de um todo. O livro didático tem sua importância no espaço escolar. A compreensão da complexidade do ato de ensinar deve ser tarefa constante dos professores e deve ser feita, evidentemente, de variadas maneiras, observando-se, com sensibilidade e discernimento, a realidade escolar (CAVALCANTI, 2014, p. 79).

Notamos, que ser professor não é uma tarefa fácil. Os desafios são muitos dentro do ambiente escolar, com muito esforço e dedicação, é possível alcançar bons resultados. Atualmente, o ensino de Geografia é muito curto para a dimensão que ela se estende. Neste sentido, as atividades práticas envolvendo a participação dos alunos é fundamental na construção das relações dos atores sociais, ou seja, as interações entre professor e aluno é primordial para que aconteça a aprendizagem.

O encontro entre professor e aluno precisa ser dinâmico e respeitoso. Os professores necessitam procurar meios de cativar e mostrar que o ensino de Geografia tem suas científicas, e que existem diversos caminhos de oportunidades para expor suas reflexões, neste caso, contribuindo com a formação de cidadãos críticos. Através de metodologias diferenciadas os alunos começam a ter interesse pelo conteúdo que está sendo explanado. Para que a aprendizagem aconteça os alunos precisa interagir com os colegas e professor os conceitos geográficos estudados. Contudo, para Costella & Rego (2011)

As interações que ocorrem dentro de sala de aula, entre professores e alunos, são decisivas para que aconteça a aprendizagem. Não adianta o domínio absoluto dos conceitos e nem mesmo a busca por técnicas ou metodologias apuradas, o que importa é a crença de que está na figura do professor o poder de mudar o comportamento dos alunos (p. 105).

O processo da aprendizagem é um movimento que sempre vai estar em desenvolvimento, tanto interno quanto externo, através das elaborações das atividades exercidas pelos alunos, sendo que a participação dos alunos é necessária na construção de sua própria aprendizagem. Além disso, reaver o que se propõe nos livros de Geografia, afinal, além das informações vistas com universal, é necessário que haja assuntos que abracem a realidade dos alunos, para que estes apliquem o que aprendeu em sala de aula na sociedade em que vive. Indo além, propor novas formas de ensino, onde possa haver uma mistura entre teoria e prática, afinal, uma não vive sem a outra. A teoria só é completa quando esta é levada a ser testada na prática. Havendo reformulações que possam enriquecer ainda mais no ensino da Geografia.

Dessa forma, o olhar geográfico do aluno pode ser estimulado ao comparar diferentes espaços e escalas de análises, possibilitando superar a falsa dicotomia existente entre o local e o global, indo além do senso comum da ordenação concêntrica dos conteúdos de geografia, gerador de um discurso meramente descritivo do espaço geográfico. Nesse caso, destacamos a importância de se estabelecer relações entre essas escalas, criando condições para que o aluno ordene os espaços estudados, comparando os fenômenos geográficos, notando a acessibilidade e a rapidez dos meios de transporte, a velocidade dos meios de comunicação para transmitir informações e imagens de vários países do mundo, ampliando a ideia de escala (CASTELLAR, 2011, p. 90).

Existe a necessidade de o professor pesquisar, analisar e busca novas técnicas de ensino, provocando problemas para que os alunos possam resolver a partir do seu entendimento os desafios. Quando essa relação se vive no ambiente escolar, o professor vai ao encontro-chave do ensinar e aprender e tendo pontos positivos. Ensinar é provocar

a abertura de novos caminhos onde é preciso a utilização de metodologias coerentes, com bases sólidas na aprendizagem dos alunos para que não haja a desmotivação, e assim permitindo que o aluno aprenda o que é aplicado teoricamente nas aulas de Geografia através das atividades práticas. Nesse sentido Castellar (2015, p.56) afirma que

Desenvolver um trabalho em sala de aula pressupõe que o professor tenha uma postura de mediador, de atuar propondo problemas para que o aluno, a partir do seu conhecimento prévio, possa, no grupo, criar situações-problema e desafios, transformando o conhecimento de senso comum em conhecimento científico. Uma atuação que não leve em conta essas questões está fadada a criar no aluno a desmotivação, porque não permite que ele aprenda. Porém, essas questões estão relacionadas com postura – a postura do professor diante do seu conhecimento e o do aluno – e essa postura tem a ver com a apropriação que se faz da concepção de Educação e de Geografia.

Mesmo sendo capaz de analisar o espaço, a Geografia enquanto disciplina não é capaz o suficiente para analisar a totalidade, isso porque na realidade não conseguimos solucionar nossas problemáticas básicas e como resultado continuamos a fazer a Geografia dicotômica, só que agora não apenas na versão clássica (homem/natureza) mas também nas questões de análises das questões ambientais, sociais e dos conteúdos e das formas que nos cercam.

4.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO ESCOLAR: ontem e hoje.

Para Castellar (2001), quando se olha para trás, vê-se que é necessário haver inovação e uma possível reorganização curricular, utilizando de novas formas didáticas no que se refere o ensinar da Geografia, que é uma disciplina de grande importância para o ensino-aprendizado de cidadãos. Sendo assim, há de se discutir a inserção de novas práticas, que chamem a atenção de estudantes e que os façam participar das aulas, o que vai além da teoria apresentada em sala de aula [...] vislumbra-se o uso didático dos diferentes espaços formais e não formais de aprendizagem existentes (p. 70).

Segundo Freitas, em artigo postado no Canal do Educador, presente no Brasil Escola, a trajetória do ensino da Geografia como disciplina escolar iniciou-se ainda no século XIX. Porém, pela primeira vez, em 1837, no Brasil, a Geografia foi implantada como disciplina escolar obrigatória. Tal fato aconteceu no Imperial Colégio Pedro II, localizado no Estado do Rio de Janeiro. Naquela época, o principal objetivo de implementar esta matéria nas escolas era a capacitação política de uma categoria da população, a elite brasileira,

que almejava inserir-se em cargos políticos ou no exercício de tais atividades relacionadas à política no país.

Porém, no período de 1900 em diante, o ensino da Geografia se consolidou nas escolas espalhadas pelo Brasil, o qual buscava desenvolver no aluno a disseminação da ideia de se conhecer os aspectos naturais regionais. Sendo assim, criava no estudante o sentimento de patriotismo.

Fica evidente, qual foi o papel que a Geografia teve que desempenhar neste contexto político, social e econômico que o país estava inserido. Emerge desta forma o caráter nacional nas vias escolares do Brasil, responsável pela circulação ideológica comprometida pelo amor a pátria e o conhecimento do seu território (BASSO, 2014, p. 11).

A partir de então, já em 1905, o livro *Compêndio de Geografia Elementar* foi lançado, de autoria de Manuel Said Ali Ida, tendo como foco principal a abordagem, de maneira regionalizada, do Brasil, o qual apresentava, de maneira sucinta, os aspectos regionais do país. Contudo, esta disciplina só chegou às universidades em 1934, sendo implantado na Universidade de São Paulo. Na década de 70, o Brasil vivência a ditadura militar. Neste contexto, as importantes disciplinas Geografia e História foram unificadas, passando a se chamar Estudos Sociais. Para o Governo Militar instaurado na época, essa iniciativa visava coibir o nascimento de possíveis movimentos, alinhados na ideia de que tanto a Geografia quanto a História poderiam representar ameaça à política governamental militar.

[...] durante os anos de autoritarismo, o Governo Militar, por meio da Lei 5.692 de 23 de agosto de 1971, aglutinou a disciplina de história juntamente com a de geografia à disciplina escolar de Estudos sociais, institucionalizada como componente obrigatório para os currículos do ensino de primeiro grau [...] (LEANDRO, 2021, p. 468-469).

Porém, a importância dessa disciplina de se fazer presente no âmbito escolar, em 1978, Milton Santos, uma grande referência nas produções e reflexões geográficas, lançou a obra *Por um Geografia Nova*, o qual despertava a seriedade da concretização de estudos direcionados às relações sociais e às problemáticas. Apesar desse momento, as discussões e debates em torno do ensino da Geografia só veio a ser gerada doze anos mais tarde, onde se viu a importância desta no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, só em 1998 ficou evidente para a classe profissional que os estudantes careciam de conhecimento e compreensão das relações entre a sociedade e também a dinâmica do ambiente/natureza e suas paisagens.

Atualmente, há de se pensar o que mudou no campo do ensino da Geografia escolar, sejam elas no âmbito local, regional ou nacional. A Geografia de hoje não é mais a mesma de antigamente, os tempos mudaram, logo, a Geografia se transforma. Mais uma vez, frisamos que, com toda a certeza houve mudanças significativas, sejam elas no ambiente da sala de aula ou nas metodologias de ensino nas escolas, sejam elas na rede pública de ensino ou nas escolas particulares. Nesse contexto, Kaercher (1999, p. 30) aponta que “[...] jamais teremos uma nova escola sem uma nova ética, uma nova relação entre a sociedade e entre esta e a natureza, por consequência, novas relações professor-aluno, direção-professores-alunos”.

Houveram mudanças nos espaços de ensino que se tornaram relevantes à aprendizagem de crianças e adolescentes, buscando sempre contextualizar com os espaços de vivência do aluno e do professor. Mas do que mudanças, os espaços se transformaram em detrimento das ações humanas que agem sobre o espaço, modificando-o. Algumas destas práticas idealizadas e executadas pelos homens prestaram transformações benéficas para o ambiente em si como também para aqueles que vivem nesta localidade. Porém, há aquelas que, de certa forma, afetaram negativamente ao espaço físico e especialmente prejuízos à vida humana. Sendo assim, o ambiente muda, o espaço, a Geografia muda. São essas mudanças que justificam e provocam reflexões constantes.

Neste caso, é imprescindível que os estudos de Geografia devem, é claro, acompanhar tais mudanças positivas e negativas, descreveram-nas em forma de texto e com usos de imagens e aplicá-las aos livros didáticos, para que este saber seja de conhecimento daquele que ensina e daquele que é ensinado. A partir de tais explicações no que concerne teoria e das metodologias utilizadas em sala de aula (ou até mesmo fora dela), o aluno absorve o conteúdo e passa a visualizar e questionar o ambiente ao seu redor, tornando-se um cidadão crítico. A escola tem esse dever para com o aluno e os pais e/ou responsáveis devem acompanhar essa elucidação de sua criança ou adolescente para com o meio à sua volta.

[...] uma escola comprometida com a transformação da sociedade, ao contrário da ordem vigente, requer uma pedagogia que recrie os valores submersos em nossa ordem social, como objetivos explícitos de uma igualmente nova proposta educacional; uma nova proposta que permita fazer uma reformulação dos conceitos científicos, [...] naquela que propõe uma história viva do homem e de sua criação (OLIVEIRA, 1998, p. 12).

Não se deve ensinar Geografia somente para que se conheça o ambiente que os cercam, mas pelo fato de que este estudo é dinâmico, está sempre em constante mutação, seja por si próprio ou pelas ações do homem. É notório que não se trata apenas de repassar o conteúdo pelo conteúdo para aluno, é preciso um ensino contextualizado e dinâmico, que desperte o interesse do aluno pelo conhecimento.

Ensinar de forma contextualizada, contribui para despertar e aguçar o pensar e repensar dos alunos sobre a realidade vivenciada, desde cedo começam a compreender como o espaço está organizado, para que estes possam com competência, observar, questionar e propor soluções para os problemas socioambientais. Porém, é necessário rever os conteúdos presente nos livros didáticos, propor novos planejamentos pedagógicos e aplicar metodologias de interação entre professor e aluno para que o ensino e aprendizagem ocorra.

5 PROFESSORAS E ALUNOS: uma vida de encontros e desencontros na sala de aula.

No espaço escolar muitas são as relações produzidas e reproduzidas entre professor e aluno em busca de facilitar o processo ensino e aprendizagem bem como estreitar as relações de amizade entre os atores sociais envolvidos. Nesse contexto, passamos a discorrer sobre os momentos vivenciados na Escola Estadual Professor Aderson de Menezes, ambiente de nossa pesquisa. Destacamos que pelas nossas observações o ambiente escolar está organizado para que professores e alunos possam construir relações dinâmicas de aprendizagens.

Ao ouvir as falas minuciosas das experiências vivenciadas pelas professoras de Geografia que atuam na escola Professor Aderson de Menezes, destacamos o interesse e compromisso das profissionais com o processo ensino e aprendizagem. As professoras, estão sempre preocupadas em criar um ambiente prazeroso e facilitador de aprendizagem. Para alcançar seus objetivos, buscam sempre contextualizar as temáticas de sala de aula com a realidade vivenciada pelo aluno. Para tanto, dedicam horas de trabalho no planejamento e organização das aulas, criando e recriando recursos didáticos que despertem o interesse do aluno pelo ensino de Geografia, ou seja, um espaço dinâmico e acolhedor tanto para o professor como para o aluno.

O Segredo de um professor que faz a diferença está em perceber o brilho nos olhos de seus alunos cada vez que estes crescem na compreensão das complexidades que se apresentam. O professor de geografia, por sua vez, guarda com satisfação

a magia de levar seu aluno a pensar espaços distantes como se estivessem próximos, como se esse distante representasse a continuidade do próprio aluno efetivas (COSTELLA & REGO, 2011, p. 118).

Nessa perspectiva, destacamos a contribuição das professoras que trabalham com a disciplina Geografia, as quais fazem parte do quadro efetivo de professores da instituição escolar. A partir da concepção de cada entrevistada, foi possível notar as diferenças no que tange aos caminhos percorridos em busca do processo ensino e a aprendizagem no contexto de sala de aula. Como já mencionamos, as informações coletadas foram obtidas com o emprego das seguintes técnicas: entrevista e questionário. Nas reflexões que desenvolvemos, adotamos as seguintes denominações: Professora A e Professora B. Para a professora A, foi aplicada uma entrevista, onde captou-se informações referentes à didática de ensino-aprendizagem. Porém, para a professora B, optamos pelo questionário, em detrimento de problemas de saúde na família. Para enriquecer e complementar nossas reflexões, buscamos ouvir dois alunos das professoras A e B, onde falaram sobre as relações de ensino e aprendizagem em sala de aula, sendo denominados de aluno 1 e aluno 2.

De acordo com a professora A, o universo da sala de aula se difere quanto ao universo acadêmico de uma universidade, onde, nesta última, há leis e regras que devem ser seguidas. Contudo, em sala de aula, é necessário rever a didática a ser utilizada com os alunos.

“Quando você está em sala, ministrando aula para um turma de Ensino Fundamental, é totalmente diferente do que se aprende na Universidade. São muitas técnicas, são muitas regras e leis, o que é bom, pois você adquire conhecimento. Mas, ao levar isso para o Ensino Fundamental, é totalmente diferente, pois o tempo é curto, sendo assim, há uma diminuição no que tange conteúdos. Ou seja, é necessário que haja uma condensação de assuntos para que nós, professores, possamos ensinar nossos alunos” (entrevista realizada com a professora A em 2022).

Para a professora B, o universo do ensino-aprendizagem é um tanto complexo pelos vários mundos pessoais que se entrelaçam dentro de sala de aula, no convívio com demais perfis.

“Ao longo de toda minha trajetória como docente, aprendi a fazer o melhor pelos discentes que buscam, através da educação, uma oportunidade de melhorar suas vidas. No entanto, em um universo de inúmeros perfis socioeconômicos, também existem uma minoria que, infelizmente, não tem interesse algum em aprender. Uma outra situação é a falta de interesses de alguns pais, que simplesmente deixam o trabalho todo para os professores. A tão sonhada parceria entre família e escola está longe de existir de fato, mas não podemos generalizar, pois existem pais super presentes na vida escolar de seus filhos. Poderíamos fazer um trabalho melhor, mas

muitas vezes nos esbarramos com situações que dificultam tal trabalho” (entrevista realizada com a professora B em 2022).

De fato, a falta de interesse e o não comparecimento dos pais na busca por informações sobre a vida e o desempenho escolar de seus filhos, dificultam tal processo, que, aos poucos, contribui para os baixos índices de aprendizagem e evasão escolar. Neste caso, é necessário que a escola, como instituição educadora, repense as relações escola-família, buscando estabelecer um diálogo mais constante e motivador com os principais atores sociais da comunidade escolar.

O desenvolvimento dos alunos na escola depende de suas relações com a família, pois como sabemos tudo parte de um reflexo, se há estímulos, presença e afetividade por parte dos pais, os resultados sem dúvidas terão êxito, porém se os fatos ocorrerem ao inverso, os reflexos serão outros e nem tão bons quanto o esperado (SOUZA, BATISTA & SILVA, 2019, p. 31).

Entretanto, o que se percebeu durante as entrevistas é que a professora A e a professora B conseguem contornar tais dificuldades, envolvendo o alunos nas mais variadas práticas repassadas em sala de aula. Sendo assim, tais aulas se tornam atividades prazerosas, fazendo com que o ensino e aprendizagem ocorra de maneira efetivas.

No início, há as dificuldades. É um fato. Mas, ao longo dos anos, você vai se aprimorando. Hoje, eu entendo que ensinar Geografia é trazer todo o conhecimento geográfico para a realidade do aluno. Eu trabalho muito a questão regional, local. O maior desafio é fazer o aluno entender que Geografia não é uma disciplina para decorar, como muito se ouve falar. Esta tende a abrir um horizonte de conhecimento, um leque de informações. A Geografia está inserida no dia a dia do cidadão (entrevista realizada com a professora A em 2022).

“Para se realizar atividades diferenciadas, precisamos muitas vezes usar o próprio dinheiro. Caso contrário, isso é quase impossível. Gosto de, sempre que possível, criar atividades diferenciadas, para que nossos estudantes se sintam motivados. As atividades lúdicas despertam o interesse pela aprendizagem e há uma maior participação. Sendo assim, o processo ensino-aprendizagem se torna mais acessível, amplo e prazeroso, onde os próprios estudantes são autores do seu conhecimento. Há passeios, jogos, trilhas, atividades de torta na cara, criação de histórias em quadrinhos, sendo algumas das atividades utilizadas em sala de aula com o intuito de despertar o gosto pela aprendizagem” (entrevista realizada com a professora B em 2022).

Neste caso, vê-se que estas educadoras não medem esforços para que os alunos se sintam motivados a participarem das atividades em sala de aula, envolvidos pelas didáticas oferecidas. Apesar de haver a falta de material didático adequado e também a falta de valorização desta profissão e da área, as professoras em questão não esmorecem

e procuram sempre cumprir o seu papel diante da formação de cidadãos, sendo assim, reinventando-se. De fato, a participação, em sua totalidade, tende a ser concretizada, ou seja, a tarefa em sala de aula é cumprida. Isso, podemos notar nas respostas de dois estudantes da Escola Estadual Professor Aderson de Menezes, que, no decorrer das aulas ministradas, conseguem entender a Geografia a partir das diferentes didáticas utilizadas pelas professoras.

“Apesar de sentir dificuldades em entender textos que, na minha opinião, são difíceis, quando há a explicação da professora, há clareza. Em muitas das vezes, a professora usa outros recursos didáticos para nos fazer entender um pouco mais da Geografia local. Assim, foi possível entender muitas coisas que, infelizmente, não se encontra nos livros didáticos” (entrevista realizada com aluno 1 em 2022).

Para o aluno 2, o ensino da Geografia possibilita ver o mundo de uma outra forma, o que contribui muito no conhecimento, sendo assim, havendo o cumprimento do ensino-aprendizagem através das aulas de Geografia que são oferecidas aos alunos.

“Entender Geografia me permite ter conhecimentos de locais, de cultura, de economia, diferentes países e um pouco da história em si. Descobrir um pouco mais sobre este universo da Geografia me permite ter mais conhecimento, o que me agrega em muita coisa. Esta disciplina deixou de ser só para decorar informações. Hoje, com a didática ensinada pela professora, eu aprendo” (entrevista realizada com aluno 2 em 2022).

Tais formas de ensino, quando repensadas as formas didáticas utilizadas em sala, tendem a ter a participação massiva dos alunos em sala de aula. Para a atual geração, é necessário que a metodologia seja revista pelo corpo docente e pedagógico das escolas, sendo mais atrativa e que o aluno seja envolvido nas dinâmicas. Hoje em dia, somente ler textos e explicar não é suficiente. Indo além da teoria, impondo a prática, o ensino-aprendizagem ocorre.

Ter clareza metodológica, estar ciente de que a educação é um ato político e que nosso trabalho traz implicações sociais é uma questão fundamental para orientar as escolhas de atividades e de conteúdos trabalhados. O uso de técnicas e metodologias inovadoras não garante o aprendizado do aluno sem que o professor reflita sobre sua prática e defina quais objetivos desenvolver. Assim, o uso de jogos, de vídeos, de excursões e de tantas outras atividades ou recursos em sala de aula pode vir a ser apenas uma estratégia para o professor não “dar aulas”, ficando escondido nessas atividades (SANTOS, 2011, p. 64-65).

Assim, a partir de uma revisão na forma de ensinar Geografia, o aluno se sente satisfeito em adquirir novos conhecimentos, com isso, aplicando no seu dia a dia e

ajudando nos diálogos e discussões que envolvem o meio em que vive e ao que o circunda. Formar cidadãos conhecedores da causa o tornam aptos a agirem em prol de uma sociedade melhor. Isso é um fato que deve ser levado em consideração, visto a importância do conhecimento na vida destes alunos e para a sociedade, ainda mais quando gerações passadas não tiveram a mesma oportunidade que há atualmente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações realizadas no âmbito escolar constatamos que as professoras desenvolvem atividades lúdicas para que seus alunos construa seus próprios conceitos geográficos diante da realidade, a partir das aulas dinâmicas estabelecidas pelas educadoras, afirmamos que esses procedimentos didáticos contribui no processo de aprendizagem dos alunos havendo o encontro entre as professoras e os alunos. Segundo os alunos essas atividades fazem diferença no processo ensino e aprendizagem é a partir dessas interações que o mesmo irão compreender e entender o que o livro didático está se referindo. À medida que o aluno aprofunda essa capacidade de enxergar além dos livros, torna-se possível um olhar mais crítico sobre o espaço em que os mesmos vivem. Pois fica claro para o aluno estudar o espaço onde as pessoas vivem e a interação entre todos os elementos.

De acordo com as educadoras a falta de materiais didáticos no ambiente escolar dificulta o planejamento da organização das aulas, sendo impossível alcançar seus objetivos. Através do relato, observamos que as mesmas procuravam converter essas dificuldades em aulas prazerosas, realizavam atividades diferenciadas para seus alunos se sentir motivados, pois a participação deles era fundamental para haver ensino e aprendizagem. Outro ponto a ser destacado, é decorrente da desvalorização do professor e da matéria que é aplicada em poucas aulas na semana, e assim, deixando incompleto os conteúdos planejados. As preocupações com o ensino de Geografia são constantes, é necessário rever políticas educacionais voltadas à classe de professores no que se descreve a valorização desta profissão e a importância deste na vida dos alunos.

A ideia seria sugerir a escola parceria com as professoras e sugestões metodológicas em relação aos materiais e recursos pedagógicos para desenvolverem suas atividades lúdicas de acordo com o conteúdo estudado, possibilitando ao aluno a participação ativa na construção de diálogo e união entre colegas. Desse modo, o estudo

da Geografia feito pelo próprio aluno permitiria o acesso a várias metodologias de ensino e aprendizagem, fazendo com que exercitasse sua capacidade de fazer opções relativas aos conteúdos e suas didáticas e promovendo a capacidade de uma elaboração própria de novos tratamentos e metodologias no âmbito do ensino da geografia.

Atualmente, pensar que ler o livro didático não é suficiente para que haja o ensino e aprendizagem, as aulas de geografia podem ser realizadas tanto em sala de aula como nos espaços não formais, como o entorno da escola, a praça, a igreja e os elementos que compõe sua cidade. Assim, o aluno vai compreender a relação dos conteúdos estudado a partir da aplicação na prática construindo seu próprio conhecimento a partir das suas vivências.

Portanto, o trabalho apresenta que quando existe inovações no espaço escolar os resultados são positivos, e as professoras se sentem satisfeita com os objetivos alcançado, está pesquisa traz uma reflexão de como o professor pode desenvolver suas práticas pedagógicas para despertar o interesse do aluno pela Geografia e construir seu próprio conhecimento a partir de sua realidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. **Século de prática de ensino de geografia: permanências e mudanças.** In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André (orgs.). **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio.** Porto Alegre: Penso, 2011, v. 2, p. 13-30.

ANDRADE, Manuel Correia de Andrade. **Geografia ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico.** São Paulo: Atlas, 1987.

BASSO, Sabrina Lais. **Ensino de Geografia nas décadas iniciais do século XX: em foco as orientações escolanovistas de Delgado de Carvalho para os professores.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Experimental de Ourinhos, Curso de Geografia, 2014.

CASTELLAR, S. M. **A Formação de Professores e o Ensino de Geografia.** *Terra Livre*, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 51–59, 2015.

CASTELLAR, Sonia. M **Mudanças na prática docente: a aprendizagem em espaços não formais.** In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André (orgs.). **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio.** Porto Alegre: Penso, 2011, v. 2, p. 69-92.

CAVALCANTI, Lana Souza. **A Geografia Escolar e a sociedade brasileira contemporânea.** In: TONINI, Ivaine. *et al.* O ensino de geografia e suas composições curriculares. Porta Alegre: Mediação, 2014, p. 77-97.

COSTELLA, Roselane Zordan; REGO, Nelson. **Em que momento um aluno aprende geografia.** In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André (orgs.). **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio.** Porto Alegre: Penso, 2011, v. 2, p. 104-118.

ENRICONE, Délcia (org.). **Ser professor.** – 2. ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 141 p.

GRILLO, Marlene. **O professor e a docência: o encontro com o aluno.** In: ENRICONE, Délcia (org.). **Ser professor.** – 2. ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 73-89.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de Geografia.** – 3. ed. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. 144 p.

LEANDRO, Andressa Barbosa de Farias. **Nos tempos do autoritarismo: o ensino de História entre os anos de 1964 a 1985.** In: CONAPESC Digital Edition / VI Congresso Nacional de Pesquisa em Ensino em Ciências. 2021.

MARECHAL, Jean. **La professionnalité de l'enseignant: nouveau sésame pour le système éducatif.** In: CINQUIÈME RENCONTRE NATIONALE SUR LES DIDATIQUES DE LA HISTOIRE, DE LA GÉOGRAPHIE, DES SCIENCES SOCIALES. Paris: INRP - Institut National de Recherche Pédagogique, mars 1990, p. 37-48.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos - 6. ed.** São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). **Para onde vai o ensino da Geografia?** – 6. ed. – São Paulo: Contexto, 1998. – (Repensando o ensino).

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa.** – 3. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942).** In: Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente - dez. n° 12, vol. II, 1998.

SANTOS, Ana Rocha. **Conversa com quem ensina Geografia.** In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André (orgs.). **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio.** Porto Alegre: Penso, 2011, v. 2, p. 60-68.

SOUZA, Edmê Mota de; BATISTA, Caroline da Silva; SILVA, Rosiane Siderval da. **A relação do trabalho e ausência: O papel da escola e o distanciamento dos pais.** In: **Educação no Século XXI - Volume 42 – Percepções / Organização: Editora Poisson Belo Horizonte - MG: Poisson, 2019. p. 28-33.**

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 – **Metodologia do trabalho científico / Antonio Joaquim Severino.** – 23. ed. rev. e atual. – São Paulo : Cortez, 2007.